

## 4

### *Discurso na cerimônia de entrega do segundo relatório de sustentabilidade empresarial*

**PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 8 DE JULHO DE 1999**

*Senhor Vice-Presidente, Marco Maciel; Senhor Ministro do Meio Ambiente, José Sarney Filho; Senhor Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, Celso Lafer; Doutor Félix Bulhões, Presidente do Conselho Empresarial Brasileiro; Senhores representantes dos diversos setores; Senhoras e Senhores,*

Hoje, fiz pior, porque não escrevi. Minha letra é muito ruim e não consigo ler. Leio mal, em geral. Prefiro falar sem ler. Depois, não há nenhuma transparência para mostrar. Ainda bem que me salvaram aqui com um documento que eu possa exibir a vocês e ao país.

Mas falo com satisfação, por muitos motivos. Primeiro, porque vi, pelos relatórios aqui apresentados, embora breves, que há razões para otimismo, para continuar a crer que este é um grande País.

Não sei se todos os brasileiros têm a convicção que tenho de que o que se está fazendo no Brasil é alguma coisa de realmente marcante. E o que se está fazendo não é o que o Governo está fazendo. É o que os brasileiros e as brasileiras estão fazendo neste país.

Não apenas vimos, aqui, um breve resultado de um esforço continuado de estabilidade econômica, de projetos, do rumo do que se chamou de

eixos de desenvolvimento, e, portanto, as conseqüências aí estão. Podemos ver que, a despeito de turbulências fortíssimas pelas quais passamos, o Brasil não perdeu, realmente, o rumo. E a confiança se reflete nos projetos de investimento e no espírito daqueles que aqui falaram a respeito do que estamos fazendo no Brasil em termos de desenvolvimento econômico. E o que é fundamental: o crescimento dos bens de capital é significativo, porque isso é um indicador do conjunto do que acontece na economia e é quase um previsor, porque, primeiro, se tem as encomendas de bens de capital para que, depois, eles possam produzir e, então, aumentar a oferta.

Bom, não vou repetir os dados aqui. Alguns são, realmente, entusiasmantes. Mas eu queria ressaltar que o fato de nem a turbulência nem a desvalorização terem sido capazes de abalar a confiança no Brasil dos estrangeiros e – o que é mais importante – de nós próprios é que é significativo. Um país só vai para adiante quando acredita em si, quando não se deixa atemorizar pelo tamanho das dificuldades, quando não se deixa estiolar, simplesmente, pelas previsões de catástrofe nem pela maledicência, que faz parte da vida, mas não deve ser o barômetro para orientar se o clima é bom ou se o clima é mau. A gente vai saber se o clima é bom ou mau, se há sol ou se chove. E sol, no nosso caso, é mais investimento, é mais crescimento.

Então, há razões efetivas para estarmos aqui hoje, neste encontro, com redobradas energias para continuar nesse mesmo rumo. Mas há também razões específicas, que dizem respeito ao relatório que aqui está. Esse Conselho de Desenvolvimento Sustentável é muito importante, porque não se trata de qualquer desenvolvimento, mas de um desenvolvimento que tenha bases sadias no que diz respeito à possibilidade da continuidade da vida nas próximas gerações. É, portanto, um desenvolvimento responsável ante o meio ambiente e um desenvolvimento que não exclua, e não pode, desse meio ambiente o que é mais importante, que é o ser humano.

Vimos aqui, através dos dados que nos foram trazidos e das experiências que, tenho certeza, estão neste relatório, que o Brasil tem sido capaz de entrar mais fortemente nesse ritmo de cresci-

mento, em uma época em que, para a sorte de todos nós, já não é mais sequer pensável não respeitar os limites da natureza, os limites do meio ambiente. Não há crescimento senão quando ele é sustentável. Nós estamos entrando nesse grande momento.

Tomara que sejam verdadeiros – creio que são – os prognósticos do Herman Wever de que vamos chegar, lá para o fim deste meu mandato, num ritmo sustentado de crescimento sustentável de 5% ao ano e com uma taxa de formação bruta de capital fixo que se aproxime daquelas dos nossos melhores anos, que foram os anos 70. Estaremos já, realmente, por volta de 22%, 23%, que é um índice altíssimo se se comparar com qualquer país do mundo, especialmente com os já desenvolvidos. É uma taxa muito forte, que mostra a poupança, que não é só a externa que cresce, mas é a interna, porque a poupança interna é uma pequena parte da poupança global do Brasil.

Estamos entrando nesse ritmo num momento em que é indispensável, ao mesmo tempo, olhar para o ISO-14000 e verificar se esse crescimento está se dando com respeito às questões das regras fundamentais do meio ambiente. Aqui, a junção do Ministro Lafer com o Ministro Sarney mostra bem isso. Queremos um crescimento com o meio ambiente respeitado.

Quem teve a oportunidade, como tive, recentemente – fui acompanhado pelo Ministro Sarney – de estar em Mamirauá, lá no meio do Amazonas, sabe o que significa isso. É a riqueza de que o Brasil dispõe hoje e que não pode ser destruída nem por queimadas, nem por explorações irracionais, nem por nada. Mas tão importante quanto essa riqueza natural é a preservação da capacidade das nossas cidades – onde as nossas indústrias estão localizadas, onde nossos serviços estão localizados – de manter, nessas cidades, um ambiente sadio, em que evitemos a poluição, a questão do lixo. E essas preocupações são fundamentais.

Aqui, os senhores representam as grandes empresas. Pois bem, o desafio que temos agora é de ter esse espírito no conjunto da cadeia produtiva. Daqui por diante, uma vez definido, como está definido, o panorama do futuro em termos de investimento, de crescimento, etc., o que vai ser importante para o Brasil é o micro e o pequeno. Isso não quer

dizer que o grande e o macro não tenham um significado. Mas quer dizer que, realmente, o indicador de uma economia saudável, de uma sociedade saudável, há de ser medido pelas ações que estejamos praticando para alcançar, através delas, as microempresas, as pequenas empresas, a pessoa humana, a unidade familiar de produção, no campo, na cidade, em toda parte. Esse é o esforço agora. É um esforço, digamos, de difusão dessa consciência que já existe nos núcleos, digamos, mais avançados da economia da sociedade brasileira, para que se torne uma consciência normal da população brasileira.

Esse é o caminho, a trajetória que está definida daqui para frente. Mas tenho também a convicção de que se os Senhores e as Senhoras foram capazes de, num prazo tão rápido, ganhar consciência da importância da sustentabilidade, com a absorção, pelas grandes empresas, desse espírito, nós seremos capazes também de, numa espécie de efeito de contagem, fazer que isso se difunda pelo conjunto da sociedade. E o elemento chave para isso se chama educação. Por isso, é importante também notar que em várias das exposições aqui feitas houve referência à responsabilidade social da empresa. E essa responsabilidade tem um indicador direto, que é o esforço educacional com o qual essa empresa coopera e colabora.

Através da educação, vamos obter não apenas uma melhoria na distribuição de renda, porque só através da educação é possível, efetivamente, incorporar, em melhores condições, as massas marginalizadas do Brasil, mas nós temos que, também, além disso, dar a essas massas uma consciência mais contemporânea dos desafios. E essa consciência contemporânea implica a absorção da preocupação com o meio ambiente.

Há, portanto, todo um desafio que é para o Governo, mas é também para as empresas e para o conjunto da sociedade, que é o de nos tornarmos, todos, realmente, herdeiros da mensagem que este século, que está se esgotando, vai deixar para o próximo século. Não basta crescer, é preciso desenvolver. E desenvolver não é apenas aumentar a riqueza, mas é fazê-lo de forma que permita uma melhor distribuição dela e, sobretudo, que, junto com essa melhor distribuição, aumente também a compreensão solidária da necessidade de uma preservação ativa do meio ambiente.

Muito obrigado a todos que nos ouviram.